

Pedro Vasconcelos

R. Actor Vale, 51-r/c-Esq.

1900 LISBOA

O gesso líquido foi deitado em cima da gordura que lhe protege a cara. A matéria reage, aquece, arrefece, pesa.

Sente o líquido transformar-se em sólido, a escuridão e as mudanças de temperatura a que está submetido afastam-lhe os pensamentos para muito longe. Sente-se muito bem, a agitação em que estava ao princípio, transformou-se em calma, neste momento o corpo existe, só como sensação, já não tem a certeza visual da sua existência. Sente as mãos mexerem-se, mas é quase como se fossem doutro, de outro ele. A audição está hipersensível — ouve uma voz — a princípio não sabe se vem de dentro ou de fóra da máscara, depois apercebe-se de que está alguém à sua esquerda — a voz pede-lhe que segure nas folhas que sente chegarem-lhe às mãos. Umhas mãos levam as suas a percorrer os bordos das folhas que estão no seu colo — reconhece as fronteiras do espaço bidimensional onde vai responder à voz.

Entregam-lhe um objecto, que imediatamente reconhece como uma caneta. Pede-se que escreva o nome no topo da folha. Tateia, descobre o vértice superior direito, hesita, escreve o nome, pedem-lhe a data e o local e fica espantado por ainda se lembrar disso tudo.

A cara pesa-lhe quando mexe a cabeça. Sente medo da vastidão de superfície onde vai começar um quadrado que a voz lhe pediu. Mal acaba o gesto e já a voz diz que tem de ser maior — repete a tentativa, imaginando um espaço maior que o anterior. Sente-se perdido na folha, mas já a voz pede um triângulo, e outro e outro, seguem-se linhas, circunferenciais.

Há momentos em que a impossibilidade de ver dá-lhe a sensação de que as imagens da sua memória saiem directamente para o papel, noutros momentos a mão pesa e recusa-se a continuar, como se ela fosse o universo e nada mais existisse. A voz pede-lhe que tente organizar uma cara na nova folha que sente chegar entre as suas mãos. Procura o melhor local para começar.

Agora a tentativa é mais difícil. Até ali havia uma mecânica geométrica, já muito habituada.

Começa. A voz aconselha. Ele sabe que a voz vê. Ele pensa recorda, quando acha que terminou, pedem-lhe outra. E assim continua até a voz lhe propôr terminar, ele antes de retirar a máscara, saboreia uma última vez aquele peso na cara.

Quando tira o gesso e vê os registos que fez — espanta-se. É como se volta-se de viagem e ao chegar a casa, os objectos tivessem sido mudados de sítio. Agora via-os com outra luz.